

PÉTREA COLHEITA: A POÉTICA DA MEMÓRIA EM MANOEL CARDOSO**PÉTREA COLHEITA: THE POETICS OF MEMORY IN MANOEL CARDOSO**Jânio Vieira dos SANTOS¹

Manoel Cardoso é poeta, contista, romancista, folclorista e um exímio pesquisador dos costumes do povo simples. Natural de Nossa Senhora das Dores, SE. Vive atualmente em São Paulo, onde desempenha atividades educacionais com grupos de jovens. Sua recente obra de poesia, *Pétrea Colheita*, foi publicada pela editora Netebooks, em 2016, onde o autor imerge na sensibilidade humana, apresentando uma poesia singela, fluida e ao mesmo tempo bastante profunda. Nesse livro o autor divide os poemas em quatro partes.

A primeira parte, “*Prooemium*”, reúne XXXV poemas que resgatam elementos de sua infância, como a culinária, objetos e o cenário geográfico de sua terra. Além disso, apresenta as seguintes características: a inconstância, as questões existenciais, a amizade; fatores que se incorporam à travessias humana. Ainda nessa parte, há uma junção da galáxia com o plano existencial. O toque sutil e ao mesmo tempo perspicaz do poeta impõe uma angústia, um desconforto em saber que se vive sem perceber o quanto bem se vive, deixando ao tempo e à memória algumas marcas. Em um dos poemas apresentados nessa seleção, percebe-se essa impressão no seguinte trecho: “não há tempo a perder, o momento / que passa não retorna jamais” (p. 25). São apresentados fatos que fazem o poeta retomar a vida, com saudades. Ainda é percebido, na primeira parte, o quão religioso é o poeta, fato que o marca e o deixa perceptivo, sensível, em toda a obra. É notável em outros versos a seguinte passagem: “[...] Temo mais ainda / não atingir o outro lado do horizonte / onde o mistério se esconde e me espera” (p. 43). Em todos os casos o poeta faz o homem reviver, buscar uma característica para sua própria definição, sua própria história. Nesse conjunto o poeta assemelha-se um pouco a Guimarães Rosa, no seu caracterizar a vida simples; ao universo como definição de algo maior, fundamental e pouco conhecido.

Na segunda parte, “*Mutatio tempus*”, há um arranjo de XLI poemas, onde o poeta ainda retoma suas memórias para definir-se em meio à transitoriedade da vida. O autor recorre a elementos vividos ao longo de sua jornada: a saudade que sente do pai, da mãe, de seu cachorro... E isso, sentido por meio dos momentos de solidão que o fazem refletir sobre as escolhas feitas durante o tempo vivido. O

1. Graduando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS/São Cristóvão). Email: janio.vieira16@gmail.com.

tempo, que é tão explorado nessa parte, parece assemelhar-se a uma nave em que o autor embarca e retoma sua infância no seu povoado Taborda; nas roças, nas construções de taperas, perto do povo acolhedor e simples. Como se isso fosse o combustível que fizesse o poeta valorizar o vivido, e que também o faz lamentar-se com a realidade que apresenta a extinção desse mundo. Pelo que nos diz o poeta, é como se o homem não se sensibilizasse com a natureza, não se aproximasse do valor à vida, levando o leitor a uma reflexão. O poeta é alguém que busca o simples através da memória; mostra-se saudoso e significando o viver presente de acordo com sua trajetória. Logo nos primeiros poemas temos essa transição a outro tempo, a outro lugar. Do meio para o fim dessa parte, sente-se a reflexão que o poeta faz como forma de se identificar existencialmente.

Na terceira parte, “*Spatium interpositum*”, composta por XXVII poemas, nota-se a saudade em estágio maior. O poeta reflete seu estar no mundo, sua passagem e as coisas e pessoas que se foram, deixando em si as lembranças como único presente daquilo que o fez tão bem. Em um dos poemas desse conjunto, o poeta diz: “somente fumo e cinza / restou desse tempo de quase alicerçada feição / no querer bem paterno e no contraponto filial... / perdido, perdido no tempo, sempiternamente...” (p. 137). Percebe-se que o eu lírico quase que compreende sua história, mas sente uma ausência do que vivenciou e que ficou perdido. É marcada nessa III parte a fraternidade além do ciclo familiar. São apresentados textos que causam reflexão, seja pela apresentação da perenidade dos momentos, do cultivo daquilo que fica de bom na memória; seja sentindo a lembrança de algum lugar ou de amizades, agora ausentes. Os títulos de alguns poemas vão apresentando a efemeridade do ser humano, contrapondo com a permanência de lembranças. O poeta sente o tempo levar-lhe ao fim do caminho, e de forma tão lúcida que se sente os poemas arrancarem a razão, a angústia do vivido, nos próprios textos. Como nos versos: “Ao longo da estrada / vou me despindo / de tão poucos bens / os seres que amava / mais do que a mim próprio” (p. 136). A sensação sentida nessa parte remete a uma crítica ao homem que se preocupa com insignificâncias e mal percebe o tempo passar, ao valor que se deva dar ao que realmente importa às pessoas que se ama e que partem dessa vida. “Até o canto que fluía forte / do fio de nossa garganta, esboroou-se / em pleno deserto de nossa travessia” (p. 141). Esses versos mostram que o homem está sujeito às oscilações da vida, à perda, à quebra da normalidade. E no fim ele fecha com um poema que apresenta o seguinte: “nada mais tenho, nada mais quero / a não ser entoar meu canto de entardecer / bendizendo os que me foram anjos / os que me ensinaram a chorar ou a sorrir” (p. 152).

A última parte, “*Conficere complexionem*”, composta com XXXI poemas, apresenta uma consonância com a realidade e faz uso de sua memória para apresentar ao leitor uma época que foi vivenciada e que ele quer reconstruir, trazendo para a obra uma junção do subjetivo com o real. É sentida uma forte presença da religiosidade, do espírito sensível do poeta às coisas maiores, nesse caso o próprio universo. Sente-se, quase no fim, uma retomada da própria obra, quando o poeta apresenta suas lembranças de forma memorialista e saudosa, levando seu pequeno povoado Taborda e suas marcas existenciais a outro meio tão maior e significativo quanto suas memórias.

Cardoso tenta a todo instante pintar o homem e o mundo com as cores de sua sensibilidade; reconhecendo-se, o poeta reconhece o próprio mundo. Como se esse conhecimento partisse primeiro do eu de cada indivíduo para a exterioridade. E a obra, além de possuir caráter existencial, memorialista, crítico e religioso, apresenta as diferentes visões que o ser humano tem sobre a vida, sobre seus semelhantes, os bichos e a si mesmo. O poeta busca um significado não só para a existência, mas também para sensibilizá-lo e eternizá-lo na memória, ao refletir sobre tudo que é marcante em vida. Como o próprio diz: “Dói-me ficar longe de tantos que amei / atemoriza-me cair, inesperadamente, e nunca mais / abrir os olhos.” (p. 192).

O contar da poesia de Cardoso é pontual, reflexivo, diria que um aprendizado à vida... a uma vida de *Pétrea Colheita*.

Referência

CARDOSO, Manoel. *Pétrea Colheita*. 1. ed. São José dos Campos, SP: Netebooks, 2016.